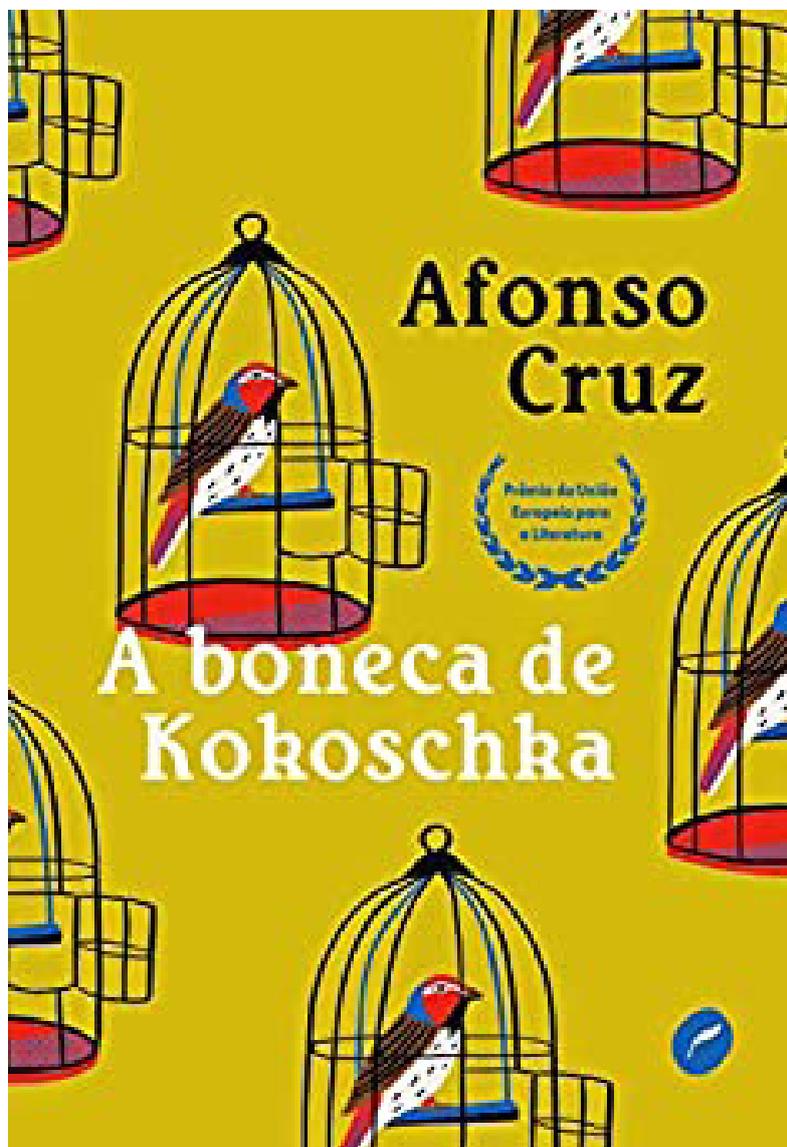


**CRUZ, Afonso. *A boneca de Kokoschka*. Porto Alegre: Dublinense, 2021.**



Debruçar-se sobre a ficção portuguesa contemporânea e não passar pela produção do escritor português Afonso Cruz é uma tarefa quase impossível. Multiartista, o autor transita por diferentes gêneros textuais e literários, aventurando-se no conto, na prosa, na poesia (por intermédio de seus personagens), na composição de aforismos, na criação de uma *Enciclopédia*



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

*Metamorfoses*, Rio de Janeiro, vol. 17, número 2, p. 308-311, 2021

*da estória universal*, nas narrativas infanto-juvenis, nas ilustrações que estabelecem constante diálogo com os textos. Este ano, *A boneca de Kokoschka*, publicado em Portugal em 2010 e agraciado com o Prêmio da União Europeia para a Literatura (2012), ganha a sua primeira edição no Brasil pela editora Dublinense (2020) através da coleção Gira, casa esta que já conta com o livro *Vamos comprar um poeta*, sucesso de vendas e apreciado por inúmeros leitores, e *Nem todas as baleias voam*, título também recém-lançado.

*A boneca de Kokoschka* é ambientada em Dresden, cidade alemã às margens do rio Elba que, em 1945, foi bombardeada durante a Segunda Guerra deixando 25.000 mortos. A narrativa abre-se com Bonifaz Vogel, dono de uma loja de pássaros que, aos quarenta e dois anos, começa a ouvir uma voz: “sabia que aquilo acontecia dentro da sua cabeça, mas tinha a estranha sensação de que as palavras vinham do assoalho, passando-lhe pelos pés” (p. 9).

A voz que surge com ecos de sobrenatural, na verdade, pertence a Isaac Dresner, um jovem judeu que encontrou na loja de pássaros um abrigo para se refugiar da guerra e da perseguição de um soldado alemão que interrompe a sua brincadeira com o amigo Pearlman. O soldado mira e atira no amigo, fazendo com que caísse “com a cara em cima da bota do pé direito de Isaac Dresner” (p.11). A segunda vítima escapa da morte pela sorte de a arma não disparar. Embora não seja executado, Dresner carrega consigo a imagem fantasmática da morte: “a cabeça de Pearlman, apesar de ter ficado uma grande eternidade para trás, ficou para sempre presa ao pé direito de Isaac, através dessa corrente de ferro que prende uma pessoa a outra” (p. 12).

Diante dessa situação, o narrador alerta: “O pequeno-invisível judeu passou a viver naquela cave escura, debaixo do assoalho e passou a ser apenas uma voz. Bonifaz vivia com as palavras que ele dizia através do chão da sua loja de pássaros” (p. 15). A partir daí, tal voz incorpórea, que assombra o assoalho da loja, orienta o vendedor nos negócios e preenche o vazio da existência de ambas as personagens. Aos poucos, essas criaturas passam a construir afetos genuínos um pelo outro, compartilhando do mesmo clima de medo e isolamento diante da sombra nefanda da guerra, onde “os vivos foram ficando cada vez mais mortos” (p. 41).

O cenário de destruição – “largos milhares de civis, estendidos pelo chão, pelo ar, com os corpos dilacerados e divididos em pedaços, em peças inúteis” (p. 41) – configura uma cena hedionda, da qual não é possível verbalizar o inimaginável. Assim, será por meio de outra linguagem que as palavras se transmudam em significados. Isaac Dresner estende a mão e permanece unido a Vogel, juntos, em silêncio, a contemplar aquela cena abjeta logo após o fim da Guerra, quando decidem sair à rua pela primeira vez. Unidos pela experiência da barbárie, marcados pela morte e pelo desamparo, restam-lhes apenas os afetos construídos no tempo em que Dresner era uma voz a assombrar o assoalho da loja enquanto Vogel acatava suas ordens ou ouvia suas histórias.

“E a guerra acabava, depois de destruir tudo, as casas, os afectos, os relógios suíços” (p. 50), restando apenas “memórias, estilhaçadas, espetadas contra as paredes, sentimentos que são

mais difíceis de interpretar do que um braço”. A cidade de Dresden era um mar de “peças, não só de cimento e ossos, mas de almas, uma confusão de matéria e espírito, uma sopa muito pouco cartesiana” (p. 43). Com o fim da guerra, Isaac Dresner sai do seu esconderijo revelando-se um “miúdo sujo” com “dentes alinhados” e “olhar apodrecido”. De mãos dadas com Vogel, as personagens saem à rua pela primeira vez e logo são surpreendidas por um soldado alemão que os interroga acerca do parentesco de ambos. Dresner imediatamente responde: “é o meu pai”, instituindo para si uma família, em que, por vezes, os papéis se invertem e Bonifaz Vogel passa a se comportar como filho de Isaac. Em seguida, o mesmo soldado aponta para outra figura: “uma rapariga com a cabeça de lado, o olhar pesado”, Isaac não fazia ideia de quem era, “mas o modo como os seus lábios tremiam era um pedido de ajuda. Tinha aparecido do nada, como a sombra de um pássaro a sentar-se à mesa, e caminhando sem perceber que caminhava” (p. 52). Isaac responde ao soldado, alegando se tratar da sua irmã: “E assim ficaram os três, de mãos dadas, a contemplarem o fim do mundo” (p. 52).

O romance de Afonso Cruz desenvolve um refinado trabalho de composição no qual os tempos (passado-presente-futuro) se interpõem por meio de um anacronismo narrativo em que o desejo presente emprega o material do passado para moldar o futuro. A estrutura fragmentária da narrativa assemelha-se, com dinamismo temporal, às falhas de funcionamento da memória, como o esquecimento, os falsos reconhecimentos, as lacunas, as amnésias e as hipermnésias. Pode-se, portanto, alegar que *A boneca de Kokoschka* consiste numa ficção memorialística, na qual há um jogo, um processo labiríntico de montagem de cenas que vão sendo apresentadas ao leitor de forma lenta e concisa, por meio de avanços e recuos temporais.

Vale ainda mencionar que a memória também ganha contornos por meio do acúmulo absurdo de livros que Isaac Dresner mantém ao longo dos anos na sua livraria. Aliás, é precisamente pelo seu trabalho como livreiro e editor que a personagem conhece Mathias Popa, um autor falhado, que não conseguiu obter sucesso nem quando subtraiu um manuscrito de Thomas Mann de uma editora e o publicou em seu nome. A figura do autor fracassado desperta o interesse singular do editor que opta por publicar a sua obra pelo selo da Euridice! Euridice!. Através da empreitada de Dresner, o leitor passa a ter em mãos o livro «A boneca de Kokoschka», de autoria de Mathias Popa, que evoca ficcionalmente a relação do pintor Oskar Kokoschka com Alma Mahler.

Trata-se de um jogo metatextual muito bem tecido, com livro dentro de um livro, no qual o romance cruziano parece ensaiar a imagem das matrioshkas. A boneca russa feita de madeira se encaixa dentro de uma outra semelhante, mas menor, até chegar àquela que não se abre, porque está fechada em si mesma. Um corpo dentro de um outro corpo, uma vida a ser inscrita a partir de outros relatos entrecruzados no tecido textual do romance. Assim sendo, a obra escrita por Mathias Popa acaba por ocupar fisicamente quase que o centro da narrativa de Afonso Cruz, ganhando, inclusive, uma materialidade para fora do ficcional com direito à capa, contracapa, orelha e a todo um aparato físico de livro. O leitor tem diante de si não um, mas dois romances encaixados numa estrutura de *mise en abyme*

*A boneca de Kokoschka*, de Afonso Cruz, é uma obra singular, labiríntica, cujos fragmentos correspondem às memórias individuais de cada personagem que assume o protagonismo de sua vida. Do privado ao coletivo, as linhas ficcionais perpassam a história da barbárie, a violência e crueldade de um mundo imerso na guerra, revisitando as ruínas, os traumas e as dores daqueles que sobreviveram aos tempos sombrios. Passado, presente e futuro são eixos temporais que se entrecruzam nas malhas textuais para que as histórias dessas personagens possam ser contadas, mesmo diante do inenarrável. Ligadas pela memória da dor e pelas imagens da vida e morte, Isaac Dresner é aquele cuja memória está presentificada no seu corpo com o peso da cabeça de Pearlman a lhe fazer mancar; Tsilia traz consigo o silêncio das cores; Bonifaz Vogel a solidão e o medo do amor; Mathias Popa a densidade das palavras com ares de um oráculo; Anasztazia Vargas, seu amor pungente; Adele Vargas, a experiência amorosa tocada nos acordes de Jazz. São criaturas unidas pelos fantasmas da memória e pelos afetos, única forma possível de sobrevivência. São essas as formas pelas quais as personagens ainda se mantêm vivas, resistem e persistem para nos lembrar que a amizade e o amor transcendem a dor, o desespero e o vazio da morte. O leitor, por sua vez, ao se aventurar pelas linhas ficcionais de Afonso Cruz, tem de seguir o fio de Ariadne, cuja linha costura as vidas das personagens, suas memórias e suas experiências, ao mesmo tempo que demonstra também o seu avesso num constructo metatextual de inegável qualidade artística.

*Carlos Roberto dos Santos Menezes*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*